

ENTRE MEMÓRIAS E NARRATIVAS: A classe operária da Fábrica de Laticínios dos Campos.

João Bosco Pinheiro Ribeiro¹

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar a memória dos ex-trabalhadores da primeira Fábrica de Laticínios do Nordeste, assim como muitas de suas práticas cotidianas durante o processo que permaneceram ativos em seus respectivos cargos. A análise ocorre a partir da releitura de fontes orais e midiáticas, desta maneira, visando responder a problemática da pesquisa, será utilizada a metodologia da história oral, que abrangeu uma visão até então silenciada sobre as relações de trabalho narrado pelos próprios trabalhadores.

Palavras-chave: Trabalho, Memória, Fábrica.

Abstract

30

This article aims to analyze the memory of the former workers of the first Dairy Factory of the Northeast, as well as many of their daily practices during the process that remained active in their respective positions. The analysis is based on the re-reading of oral and media sources, thus, in order to answer the research question, the oral history methodology will be used, which covered a previously silenced view on the labor relations narrated by the workers themselves.

Keywords: Work, Memory, Factory.

¹ Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. E-mail: junior09pinheiro@gmail.com

Introdução

Com o objetivo de trazer ao campo os principais atores que contribuíram na construção e consolidação de um dos primórdios da industrialização piauienses, este artigo surge fazendo uma releitura das principais fontes disponíveis e já consultadas, assim como uma análise sucinta e, até o presente momento inédita, de um documentário, pouco explorado, assim, “acendemos as luzes” do palco onde ocorre esse movimento, destacamos a participação efetiva de seus trabalhadores, suas relações sociais e as principais contribuições para o mundo social do trabalho.

As relações sociais no mundo tendem a mudar constantemente. O homem é, sobretudo, um produto do tempo, buscando através deste aperfeiçoar suas criações num ideal contínuo de progresso, por muitas vezes certo e outras nem tanto.

Assim seria a história do Mundo do Trabalho no Brasil, dotado de diversas evoluções, perceptíveis a todo e qualquer indivíduo, seja ele embebido de conhecimento histórico, ou apenas um mero observador. A transição do findar do escravismo para o trabalho assalariado abalaria as estruturas não apenas econômicas, mas também sociais. As cidades evoluíram, ainda que não com a mesma homogeneidade, a relação do indivíduo para com o seu semelhante também estaria em conformidade com essas mudanças e o surgimento de diversas associações operárias dialogam periodicamente.

No Piauí, por volta do ano de 1897, é inaugurada a primeira Fábrica de Laticínios do estado, mais precisamente na atual cidade de Campinas do Piauí, com tudo de mais moderno que existia àquela época. É sobre a vivência dos trabalhadores nessa indústria que este

estudo busca dialogar, trazendo à tona a voz daqueles que na historiografia, por vezes, tendem se calar. A importância do estudo, além desta última mencionada, parte também da necessidade de discutirmos cada vez mais as relações sociais no que tange ao mundo do trabalho, como afirma Santos: “Essa escassez de estudos é ainda mais sentida no estado do Piauí, pois são raros os trabalhos acadêmicos sobre a História Operária”. (SANTOS 2015, p, 15). Disto isto, nas entrelinhas deste estudo, algumas dessas premissas serão discutidas.

O autor Eric Hobsbawn nos atenta para dois aspectos importantes no que se refere a consciência de classes, o primeiro, objeto de discussão aqui, seria “a questão das relações entre consciência de classe e realidade socioeconômica” (HOBBSAWN 2000, p, 41) a importância dessas “camadas”, no viés político, se refere a “força numérica”, a capacidade de serem conduzidas a realizar determinados feitos quando bem instruídas por um ou vários líderes, o que o autor chamaria de situações de “beco sem saída”. O segundo ponto, seria a relação de consciência de classe e organização, a ser analisado posteriormente.

O próprio processo de desbravamento das terras piauiense se insere neste contexto. É uma fase onde o dinheiro não necessariamente se faz presente, mas as relações que decorrem deste sim. “Nos currais em expansão, predominavam relações de caráter pré-capitalistas. Os vaqueiros recebiam em pagamento crias de gado com as quais fundavam suas próprias fazendas” (R. N. SANTANA, 2001, p, 33). As analogias acerca dos movimentos sociais estão presentes desde o processo embrionário do sertão piauiense, a economia se organizava de modo ocupacional.

No Piauí, a atividade comercial por volta do século XIX, estava ligada a criação de gado, em maior escala, responsável também, dentre outras coisas pelo desenvolvimento do estado, tanto na esfera econômica quanto ocupacional, mas também para o vícios do extrativismo, extração e exportação de produtos como: cera de carnaúba, borracha de maniçoba e o coco babaçu. “A pecuária piauiense, enquanto atividade extensiva, era desenvolvida em grandes propriedades e não tinha muitas exigências quanto a mão-de-obra, quer em termos qualitativos, quer quantitativos”. (QUEIROZ, 2006, p, 22).

A estrutura econômica ainda estava buscando se firmar no cenário nacional e internacional, o Piauí contava com poucas manufaturas e indústrias, uma economia agrária. Os primeiros “operários” do Mundo do Trabalho no Piauí eram atraídos pelas facilidades de produção e pela redução de atividades econômicas. O que em termos gerais não significa dizer que era um trabalho totalmente livre e de uma facilidade maior, levando em consideração aspectos climáticos e jornadas de trabalho.

Desta forma, compreende-se que as atividades econômicas estavam mais ligas à subsistência, o que penduraria por alguns anos, visto que a economia piauiense não se desenvolveu de forma acelerada.

A principal função do vaqueiro é correr campo, o que faz diariamente, durante o inverno, para ver o estado das vacas amojadas, recolher as que deram crias, tratar das bicheiras dos bezeros (quando não curam pelo rastro), marcar e carimbar a bezerra nova, tirar o leite das vacas paridas, etc. (SANTANA, 2001, p. 84).

O mundo do trabalho no Piauí, à época citada, estaria ligado à atividade de subsistência, é uma economia acessória, que ainda não voava para fora dos currais do sertão de dentro.

Mas, é durante do século XIX que teríamos o surgimento de pequenas fábricas, muitas delas ainda assumiram características diferenciadas das indústrias que surgiram na Europa, mesmo que o modelo que tenha sido referência, levando em consideração a Revolução Industrial. “As primeiras fábricas, surgidas no Brasil nas décadas iniciais do século XIX, eram estabelecimentos de pequeno porte e tiveram, em geral, vida efêmera.” (GOMES 2005, p.22). Estas primeiras fábricas se ocupavam mais com atividades artesanais, com “traços específicos”, como menciona o autor, divergindo das indústrias europeias.

Porém, esse processo industrial divergia-se nas esferas estaduais do país, onde em alguns estados houve um surto em outros ocorreu de forma mais lenta, influenciado sempre por passado econômico.

O processo de industrialização no Brasil (desde o final do século XIX) não ocorreu de forma homogênea, pois, dentro do próprio setor de transformação, as unidades de produção dividiam-se em artesanal, manufatura e fábrica. A manufatura e a fábrica se diferenciam da empresa artesanal pela quantidade de trabalhadores que empregavam. (SILVA Apud SANTOS 2015, p. 29).

Esse processo de industrialização brasileira, como mencionado pelo autor, além de não ocorrer de forma homogênea na criação das indústrias, da mesma forma se comporta em relação às regiões em que se desenvolveram. Já no Piauí, os primeiros indícios da in-

dustrialização, moderna por assim dizer, são apresentadas por Odilon Nunes:

[...] em geral cultiva-se na província o Algodão, a cana, a mandioca, o milho, o feijão, arroz e o fumo, nos municípios da capital, Amarante, Batalha e Barras; algodão e a cana de açúcar da qual fabrica-se açúcar em pequena escala, rapadura e aguardente. (NUNES 2007, p. 169).

O autor aponta para essa tímida industrialização a questão do baixo investimento na região, as dificuldades advindas dos transportes, visto o isolamento regional e pouca estrutura nas estradas, além das principais formas de transportes ainda serem os fluviais.

Outro princípio de industrialização moderna, e que este estudo busca analisar suas relações trabalhistas, trazendo diálogos dos que vivenciaram a época, é a Fábrica de Laticínios dos Campos:

Um dos fatos destacados da industrialização do Piauí foi a inauguração, em 1897, da fábrica de laticínios do Engenheiro Dr. Antônio José de Sampaio, arrendatário das fazendas nacionais, resultado de contrato celebrado com o Tesouro Nacional em 1889, e este foi também um exemplo de aplicação excessiva do remédio, tamanha foi a ambição do projeto. (MENDES, 2003, p.95).

O engenheiro Antônio José de Sampaio era piauiense, oriundo de Nossa Senhora do Livramento, atualmente cidade de José de Freitas, estudou muitos anos na Europa, adquirindo entre suas formações o grau de: “bacharel em letras por Weisthertur, engenheiro industrial pela Escola Politécnica Federal

da Suíça e doutor em ciências físicas e naturais pela Universidade de Zurique”. (PINHEIRO Apud VILHENA 2006, p.41).

O engenheiro Sampaio retornaria ao Piauí em 1822¹, ao que tudo indica já objetivando montar um empreendimento agroindustrial nos moldes suíços, embora fossem duas realidades completamente distintas. O Piauí dessa época era extremamente ruralista, já a Suíça tinha um modelo agropecuário bastante vantajoso e lucrativo.

Perante o contanto que teve com as grandes indústrias, com todo o aparato moderno que existia no mundo, Sampaio chegava ao Piauí com uma mentalidade diferente da que havia saído de seu reduto natal, influenciado pelos tempos de prosperidade europeu, souhou o mesmo para o local que lhe concebeu a vida. Assim o primeiro contato do engenheiro com a sociedade piauiense seria:

O devassamento da terra, em toda a sua extensão, traçara-lhe, desde logo cedo, o destino. Importava, antes de tudo, segui-lo. O futuro não deveria contrariar o passado. Com essa compreensão, Sampaio inicia seu caminho. Visita Campo Maior. Reúne fazendeiros e fala-lhes confiante. Diz-lhes, com entusiasmo da organização de uma grande indústria de laticínios. (RIBEIRO GONÇALVES Apud VILHENA, 2006, p. 48).

O professor Marcos Vilhena, também biógrafo de Sampaio, diz que esse contato não obteve muito êxito, ou pelo menos não o que era esperado para a ocasião, ao contrário disso, os moradores daquela região viram a iniciativa como algo para além de suas realidades.

¹ Ver VILHENA 2006, p. 47.

Ainda que seja anacrônico este relato, é relevante salientar que a mentalidade social acompanharia o tempo em que se vive. As únicas grandes trocas que ocorriam no cenário citado eram as de troncos, tão comum no cenário político piauiense.

Mas o sonho de Sampaio persistiu, e em 1889 surge uma nova oportunidade de montar seu projeto. Àquela época ele residia no Rio de Janeiro², por lá firmou contatos. “Essa oportunidade viria em 1889, ano em que assinou contrato de arrendamento das fazendas nacionais do Piauí”. (VILHENA, 2006, p. 54).

Essas Fazendas Nacionais citadas, eram oriundas dos primeiros currais fincados no Piauí desde o seu processo de colonização. Inicialmente teriam pertencidos aos aristocratas da Casa da Torre e seus agregados, dentre estes a figura ilustre de Domingos Afonso Mafrense, que antes de morrer elaborou um testamento no qual destinaria todo o seu patrimônio latifundiário à Companhia de Jesus, o que sem dúvida tornou os padres Jesuítas os maiores proprietários de terras na época.

No Piauí, entretanto, os Jesuítas não se dedicaram exclusivamente as atividades catequistas e educacionais, voltaram-se também para a pecuária. Mas no ano de 1759, toma posse da Capitania do Piauí João Pereira Caldas e como sendo uma das suas primeiras medidas, expulsa os jesuítas das terras piauiense e confisca todas as suas fazendas, que passam a serem denominadas de Fazendas do Fisco

A administração dessas terras pelo governo em qualquer período foi desastrosa tanto pela inadequação funcional quanto pela facilidade dos desvios. Pouco a pouco os rebanhos

² Idem, p. 53.

bovinos e equinos foram desaparecendo até restarem apenas as terras e os carnaubais, que eram arrendadas e igualmente, a receita efetivamente recolhida aos cofres públicos e era pouco condizente com a realidade. (MENDES, 2003, p. 143).

Nota-se com isso tamanha dificuldade o governo encontrou para controlar tais fazendas, uma incapacidade, no sentido mais amplo da palavra. O que objetivará propiciar lucros só gerava despesas e prejuízos. A solução encontrada seria arrendar à particulares:

Em 26 de abril de 1889, Antônio José de Sampaio assinou o contrato de arrendamento das fazendas nacionais do Piauí. O arrendamento englobava as doze fazendas do departamento de Canindé e as cinco fazendas que compunha o estabelecimento de São Pedro de Alcântara, bem como todo o gado e edificações existentes nas fazendas. (VILHENA, 2006, p. 65).

Este contrato de arrendamento incluía, contudo, algumas obrigações, dentre elas podemos citar a de fundar núcleos populacionais, formados de nacionais e estrangeiros, desenvolver a criação de gado e diversas outras atividades³.

O empreendimento foi construído, sob os cuidados do arquiteto Alfredo Moldrak, que entre outras obras no Piauí projetou o Teatro 4 de Setembro, em Teresina. A fábrica do Dr. Sampaio destinou sua produção aos derivados do leite, como o queijo, manteiga, doce de leite e outros. Funcionou até 1941, dentre os motivos pelos quais a fábrica deixou de funcionar aponta-se as enormes dificuldades financeiras e o isolamento geográfico da região, que era distante de

³ Ver SAMPAIO Apud VILHENA 2006, p. 65.

Teresina e Parnaíba, duas principais cidades na época.

Agora a fábrica se fechou para sempre. Resta aos velhos habitantes da região apenas a lembrança dos áureos tempos, em que havia ali muito gado, muito trabalho, dando a todos a feliz sensação de paz e progresso. Hoje quem passa por Campos, atualmente cidade de Campinas do Piauí, tem a ver apenas o melancólico espetáculo do imponente prédio, cuja majestosa chaminé aponta, em segredo, ou silenciosamente para o céu, como sinal de protesto, como grito solene contra a ação depredatória que destruiu, transformando numa ruinação a opulenta fábrica que foi uma das mais importantes da América do Sul. (QUEIROZ, 2004, p. 5).

Esse imponente e melancólico prédio, por vezes silenciado e até esquecido, esconde em sua essência a história de luta de um povo, que ao longo dos anos busca reerguer uma cidade que surgiu nos arredores daquilo que um dia fora um sonho do visionário do sertão. O ofício do historiador requer que tenhamos olhos e ouvidos atentos para pequenas e significativas histórias. É hora de acender às luzes e trazer ao palco os personagens principais dessa história, que não deve, sob hipótese alguma ser esquecida.

Sobre as relações de memória, esse estudo se apropria das considerações de Pollak:

A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. (POLLAK, 1992, p. 4).

Esses conceitos ou estágios da memória devem ser levados em conta ao tentarmos dar sentido as nossas interpretações sobre a classe trabalhadora da fábrica de laticínios, por vezes a história poderia ganhar dimensões contrárias, e até inverdades, mas tão bem sabemos que as verdades nem sempre são estigmatizadas, absolutas, o papel da história seria então tentar “reconstruir” e/ou ligar esses fragmentos históricos, que tem sim sua importância para um determinado povo.

A construção da metodologia de pesquisa e a identificação dos sujeitos estudados

Os pressupostos metodológicos dessa pesquisa incluem a revisão bibliográfica sobre as temáticas aqui debatidas, assim como a análise do documentário produzido pela 19ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, intitulado: “A Fábrica de Manteiga e Queijo das Fazendas Nacionais do Piauí: uma história contada pelos seus trabalhadores”, que objetiva dar voz às reminiscências e rotinas dos trabalhadores da indústria de laticínios dos Campos.

A historiadora Lucília de Almeida Neves Delgado conceitua a história oral como um “procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões” (DELGADO, 2010, p.15).

Segundo com Pollak, os relatos escritos são constituídos de memórias e são a partir dessas fontes que o historiador constrói seu objeto de estudo, para isso o trabalho do historiador faz-se sempre a partir de alguma fonte, assim como a

produção que fazemos do passado, inclusive a construção mais positivista, sempre tributária da intermediação de fontes documental (POLLAK, 1992).

Nos apropriaremos das discussões realizadas no campo da história oral, recorrente nos mais variados tipos de pesquisas acadêmicas e extremamente necessário para entendermos as dicotomias presentes nesse estudo. Ainda de acordo com Ecléa Bosi nos assevera que “lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual” (BOSI, 1994. p. 55), assim, as lembranças dos entrevistados são instigadas à medida que estes se deparam com seus antigos ambientes de trabalhos.

A Fábrica de Laticínios, construída onde hoje situa-se o pequeno município de Campinas do Piauí, era abastecida com o leite do gado oriundo das fazendas circunvizinhas. Dessa maneira, desde o manuseio do gado, a extração do leite e o seu transporte, eram gerados empregos para os moradores, que a partir de então, edificaram suas casas nas proximidades. “Seu Zezinho” (José Belém de Sousa) lembra nostalgicamente dessa expedição:

O leite vinha de diversos retiros, tinha ali o retiro velho, tinha os pilões, retiro de marculino, canto do Jorge, olho d'água dos bois, tinha os piquis, tinha o castelo, decida da boiada. Cada retiro desse, mais ou menos tinha uns quatro ou cinco homens, agora cada dia tinha um que vinha deixar leite aqui. (DE SOUSA 2007).

É perceptível que, a partir desse momento, após o funcionamento da fábrica de laticínios, a agricultura e a

pecuária de subsistência, deixam de ser as únicas atividades econômicas da região, o empreendimento mudaria não só a questão urbanística, mas também o que tange aos aspectos sociais.

Muitas dessas fazendas mencionadas pelo trabalhador da indústria hoje se transformaram em povoados da cidade de Campinas do Piauí, abrigando diversas fazendas no antigo modelo colonial, o que demonstra certa resistência e persistência em manter viva a tradição da pecuária na região.

O garimpeiro é o que trabalhava com gado e leite, quando a fábrica trabalhava, isso quem trazia o leite era eu. Chegava aqui com o leite, subia, tinha uma escada bem aqui, subia, lá tinha o lugar de receber o leite, um bocado de caixas, todas “numeradas”, a gente chegava e “ponhava” o leite nas caixas, já ficava toda “numerada”, medida, ali o encarregado chegava, olhava e notava. (DE SOUSA 2007).

Através dos relatos adquiridos por meio do documentário, é possível analisar a rotina dos trabalhadores da indústria de laticínio, que iam desde o remanejamento do gado leiteiro ao transporte para as imediações da fábrica, que a partir de então seriam transformados em queijo, manteiga e alguns outros derivados do leite.

A subdivisão do trabalho também é fator de destaque em diversas passagens das falas dos entrevistados, a título de exemplo é mencionado a função do “garimpeiro”, que nesse caso, é uma espécie de vaqueiro, responsável pelo manuseio do gado.

A relação que a população hoje mantém é de nostalgia e resguardo, é comum ouvirmos histórias de pessoas que

lá trabalharam e de quão saborosa era a manteiga produzida. A título de exemplo cita o cronista José Expedito Rêgo:

A qualidade era de primeira, um dia, peguei uma dessas latas, no armário verde da copa de minha avó, Leonília de Rego, a fim de passar no cuscuzeiro de milho verde, uma delícia. Minha avó não gostou. O produto era reservado para a confecção de pudim de trigo, outra maravilha. (REGO, 2004, p. 5).

Outro aspecto que merece destaque se relaciona a questão de gênero, na indústria de laticínio dos Campos eram empregados homens e mulheres, ainda que em trabalhos delimitados, quanto a questão salarial não temos como mensurar suas dicotomias devido a inexistência de fontes até o presente momento. “[...] Na parte de latamento de manteiga trabalhava mais mulher”. (FILHO 2007) O termo “latamente” pode estar fazendo referência ao processo de enlatar derivados do leite em latas para a comercialização. Augusta de Sá, mulher do engenheiro e idealizador do projeto agroindustrial também incutiu esse desejo de trabalho nas mulheres:

Ela incutiu nas mulheres o desejo de trabalhar para ganhar dinheiro. Mulher não nasceu só pra fazer de-comer e lavar roupa [...]. Vinha mulher de longe ser rendeira de Dona Augusta. Só se via mulheres, meninas, moças, velha batendo bilros em todas as fazendas. De tarde, as rendeiras de Campos botavam as almofadas na praça da fábrica e Dona Augusta fazia vistoria de uma por uma. Sábado era dia de pagamento. Pagava por metro de renda feito. (ROCHA, 1994, p. 122).

Eram novos tempos na região, a mudança era perceptível não apenas no cenário espacial, com a instalação da indústria, mas também na mentalidade dos que viveram a época. A modernidade europeia figurava nos sertões de dentro do Piauí, ainda que de forma tímida.

A hierarquia nas funções empregatícias no âmbito da indústria de laticínio também é apontada por um de seus trabalhadores, ao relatar que substituiu um dos seus familiares em uma das funções:

Trabalhei aqui de 1935 até quando ela parou em 44 (1944) por aí assim, substituindo meu avô e colocaram eu como primeiro folguista dessa fábrica, chamava-se José Benedito da Silva e ele não serviu mais pra trabalhar lá na caldeira, ele ficou velho, foi quem começou nas fundação mais o engenheiro que fundou a fábrica aí eu fiquei, quando precisava ele tava trabalhando, botando fogo, pros motores funcionarem. Quando era pra fazer gelo, tinha que ficar aqui 48 horas, com fogo redondo pra máquina girar e fazer bloco de gelo, fechava bloco e aos poucos o folguista ficava quase sozinho, porque os outros ficavam nas outras máquinas. De noite, de dia não, de dia era um transmonte de gente aqui, a gente almoçava e jantava aqui. Lá em riba, no teto saia lá, é dessa altura assim o apito, dois buracos largos assim, fazia como um trem (imitou o barulho do apito de uma chaminé de trem) e botava mais ou menos lá pelas furnas, umas três léguas, uns dezoito quilômetros aí pra baixo escutava. (DE SOUSA 2007).

É perceptível, por meio dessa fala rever questões relacionadas também as jornadas de trabalho, não se sabe ao certo o tempo destinado para o este fim, podemos considerar apenas pequenos

relatos que tratam dessa questão e devido a impossibilidade de solução para esta dúvida, ficam exposto acima um desses pequenos momentos em que a jornada de trabalho é mencionada.

A origem dos trabalhadores da indústria de laticínios é um misto de estrangeiros e nacionais. Sabe-se que, os que aqui emprestam suas histórias são brasileiros, descendentes de fazendeiros que já habitavam aquela região antes mesmo da chegada de Sampaio. Mas cabe uma ressalva ao mencionarmos que dentre uma das várias obrigações do contrato de arrendamento encontrava-se a necessidade de fundar núcleos coloniais de nacionais e estrangeiros. “[...] Sampaio decidiu escolher, pessoalmente, na Europa, os colonos que comporiam essa primeira leva de trabalhadores [...]” (VILHENA, 2006, p. 76), desses colonos mencionados pelo autor, encontram-se principalmente italianos. Sabe-se que essa leva de trabalhadores estrangeiros encontraram diversas dificuldades de adaptação, iniciando assim algumas revoltas, o que ocasionou no remanejamento dessa frota de imigrantes, ainda de acordo com o autor mencionado.

Outro aspecto relevante na construção dessa narrativa, refere-se a qualidade ofertada na produção da manteiga oriunda da fábrica de laticínios dos Campos. Em algumas passagens de livros e jornais é possível encontrarmos relatos de apreciadores da qualidade do produto, os próprios trabalhadores relatam esse feito: Produto muito bom, bom como no Piauí nunca deu uma manteiga tão maravilhosa como essa daqui. Nas latas deve ter o nome aí “Manteiga Doutor Sampaio” (FILHO 2007). A qualidade do produto, fez com que o mesmo adquirisse ares longínquos, sendo comercializado não apenas

nacionalmente, mas para países da Europa como Suíça e Alemanha.

Conheci a manteiga fabricada em Campos. Vinha numa latinha amarelada igual às de ‘manteiga do reino’ feitas no sul do País. A qualidade era de primeira. Um dia, peguei uma dessas latas, no armário verde da copa de minha avó, Leonília Rego, a fim de passar no cuscutz de milho verde, uma delícia, minha não gostou. O produto era reservado para a confecção de pudim de trigo, outra maravilha. (RÊGO 2004, p5).

O processo de produção, quase que artesanal, apesar de contar com um maquinário moderno para a época, era realizado dentro da própria indústria, pelo menos é o que consta através dos relatos daqueles que ali trabalhavam:

[...] de primeiro as latas de manteigas eram feitas aqui, com a fulneraria que ficava ali por traz, lá tinha todo o maquinário de fazer as latas. Os serventes traziam as latas para cá, as mulheres enlatavam aí, tinha uma banca grande ali e traziam pra cá pra a gente fechar. (DE SOUSA 2007).

Todo esse processo de produção demandava uma mão de obra ativa e bem diversificada, assim, tanto homens quanto mulheres se dedicavam a arte de produção da manteiga e demais derivados do leite, sendo a manteiga o produto de maior destaque na historiografia sobre o assunto. Seu Zezinho, popularmente conhecido um dos trabalhadores entrevistados lembra que: “Na hora de fechar as latas era eu quem ia fechar, que ninguém sabia, não conhecia as máquinas, eu era burro da carga (risos), tudo era comigo que eles mandavam fazer.” (FILHO 2007). Mais uma vez é

possível denotar a subdivisão do trabalho algumas vezes mencionada pelos entrevistados ao longo desse feito.



Fotografia 01: Trabalhadores da Fábrica de Laticínios dos Campos. Museu Ozildo Albano, Picos- PI.

A fotografia 01, uma das poucas que estão disponíveis até o presente momento, mostra fazendeiros, escravos, crianças e mulheres nas imediações da indústria de laticínios dos Campos. Sabe-se que muitos desses trabalhadores edificaram suas casas nas proximidades da região, que mais tarde se transformaria na atual cidade de Campinas do Piauí.

Nas proximidades da cidade, instalou-se alguns povoados para onde foram alguns desses trabalhadores da indústria de laticínios, principalmente negros. Lá edificaram casas, e quilombos remanescentes, onde até os dias atuais mantem vivas algumas práticas culturais como comidas, vestimentas, danças, dentre outras. Tais descendentes tem suas raízes ligadas a muitos desses trabalhadores que encontram-se na fotografia 01 além de outros.

A grande herança deixada pelos que um dia sonharam e constituíram um majestoso empreendimento social no meio do sertão piauienses, é sem dúvidas a existência dessas memórias que se fundem com história desse povo, que ousou e ainda o fazem, sonhando. A

história não pode ser esquecida, dito isto, as luzes do palco estarão sempre acesas à espera de narrativas como essas, que brigam para não serem apagadas.

Considerações Finais

Advogamos que a história da indústria no Piauí teria como um dos primórdios a construção da antiga fábrica de laticínios no atual município de Campinas do Piauí, assim como ocorre em outros momentos da historiografia, a presença daqueles que arquitetaram, deram vez, sentido e funcionamento ao empreendimento muitas vezes são sucumbidos. Figurando quase sempre o nome dos “heróis”, ou daqueles que ocupam espaços privilegiados, e que claramente tiveram sua importância.

Nesse quesito, apresentamos por hora a importância de dar sentido e voz aos trabalhadores da fábrica do Dr. Sampaio, que assim como o mesmo, tiveram sonhos ousados em épocas difíceis. Dito isto, acreditamos que o objetivo desse estudo tenha sido atingido, visto tamanha possibilidade de discussão que o mesmo nos apresenta.

Por iniciativa do destino, os atores desse estudo não encontram-se entre os vivos, pelos menos não fisicamente, mas fazem parte dos livros de história e de um conjunto de memória que não pode ser compreendido de forma isolada, visto que todos se inserem num conjunto e contexto social. Assim, buscamos dar sentido as suas histórias mesmo sabendo de suas paixões e riscos de anacronismos, mas o ofício do historiador requer que tenhamos olhos atentos as diversas possibilidades que a história possui para se apresentar. Fica registrado, nas entrelinhas desse manuscrito, a necessidade de discutirmos cada vez

mais a história das relações sociais do mundo do trabalho, principalmente daqueles que realmente constroem castelos, fábricas, casas, cidades e sonhos.

Referências

Documentário:

A Fábrica de Manteiga e Queijo das Fazendas Nacionais do Piauí. Uma história contada pelos seus trabalhadores. Direção: Max William, Ricardo Augusto e Roberto Sabóia. Campinas do Piauí – PI, 2007. 16:38 min. Son, Color, Formato: 16mm.

Livros, artigos, jornais e revistas:

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. 3º edição. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2005.

HOBSBAWM. Eric J. **Mundos do Trabalho**. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra. 5º Ed. 2000.

MENDES, Felipe. **Economia e desenvolvimento do Piauí**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2003.

NUNES, Odilon. **Pesquisas para história do Piauí**. Volume 4. Teresina. FUNDAPI; Fund. Mons. Chaves, 2007.

ROCHA, Odeth Vieira da. **Maranduba: memória do Nordeste contada de viva voz – de mãe para filho, de avó para neto - para que não se percam nossos começos e tropeços**. 2 ed. Rio de Janeiro: Sindical, 1994.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

QUEIROZ, Teresinha. **Economia Piauiense: da pecuária ao extrativismo**. Teresina, 2006. Editora Gráfica da UFPI.

QUEIROZ, Possidônio. A fabulosa fabrica de manteiga do Dr. Sampaio. **O Estado do Piauí**, São Paulo, n. 2, abr, 2004.

RÊGO, José Expedito. *A fabulosa fábrica de manteiga do Dr. Sampaio*. **O Estado do Piauí**, São Paulo, n. 2, abr. 2004.

SANTOS. José Mauricio Moreira dos. **As representações constituídas a cerca dos trabalhadores piauienses durante o Estado Novo**. Teresina. Monografia. UESPI,2011.

SANTANA, R. N. Monteiro. **Evolução histórica da economia piauiense**. Teresina. Academia Piauiense de Letras, 2ª Ed, 2001.

VILHENA, Marcos Aurélio Gonçalves de. **Vôo de Ícaro: tensões e drama de um industrial no sertão**. Teresina: Halley, 2006.